

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Commercio Class.: Amaz./Internac.

Data: 28/06/94 Pg.: 135

19.0

Indigenismo cibernético

LORENZO CARRASCO*

No início de junho, durante o Segundo Encontro Internacional das Primeiras Nações Indígenas da América, realizado na aldeia Poianara, no Acre, foi lançada mais uma etapa da ofensiva para a imposição de um regime supranacional, utilizando como pretexto as causas indígenas. Por iniciativa e com financiamento do **International Development Research Centre (IDRC)**, uma agência do governo canadense, vários movimentos indigenistas do Brasil, México, Peru, Colômbia, Equador, Guatemala e Canadá serão integrados por uma sofisticada rede de comunicações computadorizada. Embora disfarçada sob a capa da troca de experiências de contatos com a sociedade "branca", na verdade, o que se pretende é coordenar uma série de ações contra os respectivos estados nacionais.

Além da evidente ironia envolvida na utilização de sofisticados aparelhos tecnológicos da área de telemática por populações indígenas em estado primitivo, a IDRC, que forneceu US\$ 50 mil para a realização do encontro, consti-

tui, na realidade, um braço no Hemisfério Ocidental do **Instituto for Development Studies (IDS)**, que opera na Universidade de Sussex e é vinculado aos serviços de inteligência britânicos. O IDS foi criado na década de 60, como um esforço para perpetuar o acervo de inteligência do antigo **British Colonial Office**, cujo maior feito foi elaborar o plano de transformação da Organização das Nações Unidas em um governo mundial supranacional. Não por coincidência, um dos seus fundadores, Paul Stretton, foi um dos autores do "Informe sobre o Desenvolvimento Humano 1994", recentemente emitido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o qual, pretextando apresentar um quadro da qualidade de vida das populações do planeta, constitui precisamente a mais séria tentativa de suplantar a autoridade dos estados nacionais soberanos pelo governo supranacional da ONU.

Efetivamente, os esforços do IDRC para coordenar a subversão indigenista nas Américas constituem uma continuação dos esforços britânicos que antecederam a realização da

Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Rio-92, na qual a questão ambiental foi consolidada como um dos principais temas da agenda internacional e como um dos principais condicionantes do processo de desenvolvimento econômico das nações. Não por coincidência, o secretário-geral da conferência, o empresário ambientalista Maurice Strong, foi outro dos fundadores do IDRC.

Em artigos publicados no **JORNAL DO COMMERCIO**, em 21/09/89 e 19/04/90, alertávamos para o papel desempenhado pela inteligência e a família real britânicas na coordenação das campanhas internacionais contra a soberania brasileira sobre a Amazônia, processo que culminou com a indicação do "ecofanático" José Lutzemberger, um favorito do príncipe Charles, para a Secretaria do Meio Ambiente do governo Collor. Com esta nova iniciativa "indigenista", reiteramos a nossa advertência sobre os planos de desestabilização britânicos no nosso Hemisfério.

(*) Jornalista e diretor do Instituto Schiller.